

Fiscais fecham sala de hospital

O Departamento de Fiscalização de Saúde, interditou ontem uma das seis salas do Centro Cirúrgico do Hospital Santa Luzia, no Centro Médico. De acordo com o diretor do Departamento, Gilberto Amado, a sala apresentava problema de infiltração bastante acentuado, o que poderia pôr em risco a saúde dos pacientes. Foram encontradas ainda várias outras irregularidades no local.

Gilberto Amado explicou que a vistoria foi para verificar se a denúncia do empresário Carlos Alberto Abdalla, publicada no CORREIO BRAZILIENSE no último dia 25, tinha fundamento. Segundo o empresário, sua esposa Mariana Abdalla teria contraído infecção hospitalar no Santa Luzia durante uma cesariana. Mariana, ao deixar a sala de cirurgia, chegou a dizer que o teto do local estava coberto de mofo.

Ainda no Centro Cirúrgico os fiscais encontraram quatro embalagens do medicamento Flebocortide (usado para problemas circulatórios) com prazo vencido.

do. As embalagens foram apreendidas e a fiscalização ainda deu prazo de 10 dias para o hospital corrigir uma série de outras irregularidades.

Foi exigido que a direção do Santa Luzia construísse algum tipo de proteção nas janelas do vestiário geral e na entrada do centro cirúrgico já que, como o hospital está em obras, entra poeira no local. A parede onde está instalado o autoclave de esterilização também deve ser reformada, macas e suportes de soro terão que ser restaurados ou substituídos e os recipientes de roupa suja, de acionamento manual, trocados por pedal.

Além disso, obras recentes de restauração de paredes de outras salas do centro cirúrgico não foram feitas corretamente e o trabalho terá que ser efetuado de novo. O hospital, segundo Gilberto Amado, poderá ainda ser multado. "Como penalidade inicial eles tiveram a interdição e a apreensão dos medicamentos. O Departamento Jurídico vai agora analisar o caso e se não achar suficiente estas penas poderá multar o hospital", disse.

O diretor do Santa Luzia não foi encontrado em seu local de trabalho. A assessora da direção, Ana Cláudia Leal, negou a interdição, apesar de a repórter informar ter visto o laudo do Departamento de Fiscalização de Saúde. "Nós promovemos uma grande reforma no Centro Cirúrgico em fevereiro e, desde então, temos feito revisões constantes no local. Pelo que me consta, nenhuma sala foi interditada hoje", disse.

Ana Cláudia Leal garantiu que foram notadas apenas pequenas irregularidades, as quais o hospital tem 10 dias para consertar. Negou também que as infiltrações, que disse não conhecer, pudessem ter alguma relação com o caso de Mariana Abdalla. "Não havia mofo na sala em que foi operada", garantiu. Quanto aos medicamentos apreendidos, jogou a culpa na chefe do Centro Cirúrgico. "Nós temos medicamentos novos no estoque e não sei o que os velhos estavam fazendo lá. Mas ela já foi devidamente repreendida", disse.

Sujeira quase mata parturiente

No momento em que os médicos de Brasília tentam a todo custo desmentir a frase de Magalhães Pinto, segundo a qual "os melhores médicos de Brasília são a Varig, a Transbrasil e a Vasp", o Hospital Santa Luzia trata de dar sua contribuição para confirmá-la. Marina Lopo Montalvão, que internou-se lá para uma cesariana, no último dia 2, está até hoje internada no Hospital Sirio e Libanês, de São Paulo, ameaçada de sofrer a quarta cirurgia para recuperar-se de uma infecção hospitalar contraída no Santa Luzia.

O pior é que para "mascarar o quadro infeccioso", médicos do hospital paulista disseram ao marido de Marina, o empresário Carlos Alberto Abdalla, presidente do Grupo CCA, que a paciente tomou sem saber diversas injeções de morfina nos momentos de muita dor. Quem recomendou a remoção da paciente do Santa Luzia foi um médico do próprio hospital, preocupado com a evolução do quadro de infecção, sem o diagnóstico e o procedimento médico corretos.

O Hospital Santa Luzia, na avaliação de Abdalla, não tem as mínimas condições de higiene, e representa uma ameaça à população: "Por isso decidi vir a público para denunciá-lo, e vou até o fim, movido não apenas pela ideia de me ressarcir das despesas que tive, hoje em torno de Cz\$7 milhões, mas para alertar a comunidade de Brasília".

Carlos Alberto Abdalla culpa principalmente a direção do hospital, que não dá as mínimas condições de trabalho. "Minha mulher, ao sair da sala de cirurgia, me disse que o teto estava coberto de mofo. O hospital é sujo, mal cuidado. Observo que no Sirio e Libanês há extremos cuidados para evitar infecção, o que não acontece no Santa Luzia. Os médicos precisam lutar para que desculdos dos dirigentes de hospitais públicos e privados não contribuam para desmoralizar uma classe que presta relevantes serviços, e que merece toda nossa consideração", afirmou o empresário.

Carlos Alberto Abdalla afirma também que "minha mulher estava em ótimo estado quando deu entrada no hospital; portanto, a responsabilidade maior é do hospital pela infecção que se seguiu à operação forçando três novas operações, e do perigo de vida que ainda persiste".

Abdalla lamenta que Marina não tenha ficado com a filha em nenhum momento: "Logo depois da operação ela começou a ter febre seguidas, mascaradas por injeções de morfina e analgésicos, e afastou-se de Lu-

ciana, que até hoje praticamente não viu, a não ser através de fotografias que levei para São Paulo. Resultado: minha filha está em Brasília, afastada da mãe, que não pôde sequer amamentá-la. Marina está em São Paulo, sofrendo seguidas intervenções cirúrgicas (não está afastada a hipótese de uma quarta cirurgia), para salvar a sua vida. Esse drama pelo qual estou passando não quero para ninguém, por isso vou até o fim na denúncia de irresponsabilidade do Hospital Santa Luzia. A comunidade de Brasília precisa saber o que se passa por lá".

DOENÇAS

O Grupo CCA é um dos mais fortes e tradicionais de Brasília e de todo Centro-Oeste, estendendo-se até a cidade de Imperatriz, no Maranhão. Possui revendas de carros e motos, projetos agropecuários, e interesses os mais diversos, empregando milhares de pessoas. Abdalla é um dos empresários mais respeitados em Brasília, daí a força que ganham suas denúncias junto à comunidade. Ele faz questão de deixar claro que não quer apenas se ressarcir dos prejuízos financeiros que teve:

— Quero que minha mulher se restabeleça, e que a comunidade de Brasília tome conhecimento do que acontece no hospital Santa Luzia, que deve passar por uma reforma, por um saneamento, para garantir saúde a seus pacientes, não doenças.

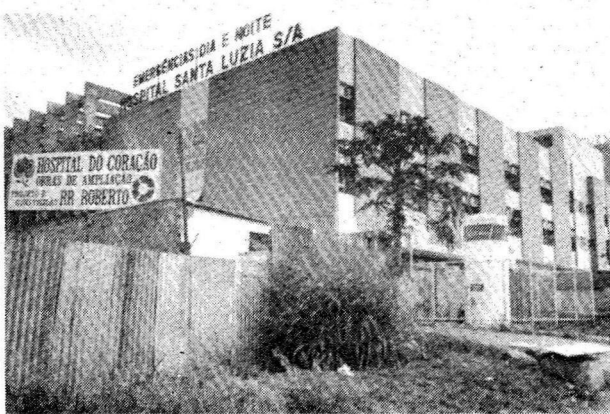
Para mostrar o descaso com que a direção do Hospital Santa Luzia trata seus pacientes, o empresário mostrou a notificação emitida após o nascimento de sua filha, no dia 02 de maio. Nela há duas incorreções: uma, menos grave, o endereço da paciente, que está inconeto; outra mais grave, a data de nascimento (22 de abril, segundo a notificação), data em que Marina ainda nem havia dado entrada no hospital.

"Isso mostra como o hospital é mal administrado


desde a notificação do nascimento, um procedimento administrativo, até a manutenção e a higiene, negligência que pode provocar problemas ainda mais graves do que o de minha mulher", reclamou. O diretor do Hospital Santa Luzia, Edivaldo Martins Leal, que segundo Abdalla não confia na medicina de Brasília ou no seu hospital, tanto que se operou em São Paulo, recentemente, recusou-se sistematicamente a dar entrevista aos jornais que o procuraram, após as primeiras denúncias feitas pelo empresário — o "CORREIO BRAZILIENSE" e o "Jornal de Brasília", da capital, eo "Estado de São Paulo". Limitando-se a publicar "Nota de Esclarecimento" na imprensa local "Nota que nada esclarece", segundo Abdalla. A nota afirma que a paciente foi retirada do hospital sem o conhecimento da direção e do médico cirurgião.

— Ora, retirar Marina do Santa Luzia foi salvar a sua vida. Fiz isso orientado por um médico do próprio hospital, que me garantiu que lá ela poderia nem sobreviver, tal a evolução do quadro infeccioso. Em São Paulo, para onde fui num jato fretado, constatou-se que seu estado era grave, que havia risco de vida, e que o quadro estava sendo mascarado com analgésicos e injeções de morfina nos momentos mais agudos de dor. Diante disso, qual satisfação que a direção do hospital poderia me dar? Eu pude fretar um jato e transportar minha mulher para São Paulo. O que me preocupa é que outros possam passar pelos mesmos problemas, sem condições de tomar as providências que tomei, e por isso faço questão de levar minhas denúncias até o fim — disse Abdalla.

Uma coisa Abdalla faz questão de deixar claro: ao que tudo indica o cirurgião parece ter agido corretamente: "Os médicos de Brasília precisam lutar para que os hospitais lhes deem condições de trabalho.



Santa Luzia: ameaça à saúde dos pacientes

 GDF — SECRETARIA DE SAÚDE DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA		NOTIFICAÇÃO DE NASCIMENTO <small>(Não Preencher)</small>	
Hospital: <u>Santa Luzia</u>		<input type="checkbox"/> Não Preencher	
DADOS DA MÃE:			
Nome completo: <u>Marina Lopo Montalvão</u>			
Idade: <u>36 anos</u>	Registro Clínico: <u>55394-8</u>		
Endereço completo: <u>SHIS Q19 Conj. I casa 07</u>			
Localidade: <u>Wago Sul</u>		<input type="checkbox"/> Não Preencher	
DADOS DO RECIEM-NASCIDO			
<input checked="" type="checkbox"/> Nativo	<input type="checkbox"/> Natimorto (a partir de 500 gramas)	Peso (em gramas): <u>2.730</u>	
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	Data de Nascimento: <u>22/04/94</u> Hora: <u>17:21</u>		
Tipo de Parto: <input type="checkbox"/> Vaginal <input checked="" type="checkbox"/> Cesário		<input type="checkbox"/> Gêmeos: (Fazer notificações separadas e preencher) o N.º total de nascidos. <input type="checkbox"/>	
DESTINO DAS VIAS:		Assinatura e Carimbo:	
1.a Mãe ou responsável. 2.a Departamento de Saúde Pública. 3.a Centro de Saúde.		Dra. Patrícia <u>Julia e Souza</u> Pediatra - Neonatologia CRM 10.407 EMISSÃO	

Bebê nasceu a 2 de maio, mas hospital registrou a data como 22 de abril